

mercado



Carros em pátio de porto de Duisburgo, na Alemanha, indústria automobilística do país sente efeitos do custo energético e transição para elétricos

Transição verde e energia cara desafiam economia da Alemanha

Distritos voltados para carros a combustão, indústria química e siderurgia ilustram estagnação do país

Guy Chazan

DONNERSBERG (ALEMANHA) | PRINCIPAIS TÍTULOS: Bernd Hofmann fundou sua empresa de metalurgia há 56 anos. Ele viu muitos altos e baixos, desde então — o choque do petróleo na década de 1970, a agitação da reunificação alemã em 1990, a crise financeira mundial de 2008. Mas nada como o que está presenciando agora. “É uma das piores fases que já vivi”, diz Hofmann, 80. A empresa de Hofmann, a Fernag, fabrica medidores de água, válvulas de segurança e peças de precisão para as indústrias automobilística e química e se tornou vítima de uma desaceleração que está desafiando sérias dúvidas sobre o futuro do muito elogiado modelo econômico da Alemanha, cuja base é a exportação.

A economia alemã está estagnada. As exportações e a produção industrial do país estão em declínio, a inflação está desacelerando a demanda de consumo, e o setor de construção está sofrendo com as taxas de juros altas. Os líderes empresariais alemães já estão acionando os alarmes. Praticamente “todas as economias europeias estão crescendo, com exceção da Alemanha”, diz Rainer Dülger, presidente da BDA, a principal organização setorial de empregadores do país. “Esse é um sinal claro de que temos que agir”.

Os especialistas sabem exatamente por que a Alemanha está enfrentando essas perspectivas singulares e sombrias. O país sofreu um impacto muito maior do que diversas outras grandes economias com o aumento dos preços da energia em 2022, em parte porque abriga muitas empresas industriais que respondem por grande consumo de gás natural. O endurecimento da política monetária do BCE (Banco Central Europeu), para combater a inflação, também teve seu preço, assim como a recuperação lenta do comércio com a China, o maior parceiro comercial de Berlim.

Robert Habeck, ministro da Economia da Alemanha, admitiu em outubro que o país estava saindo da crise “mais lentamente do que esperávamos”. Mas alguns dos desafios que o país enfrenta parecem ser duradouros. As empresas re-

clamam cada vez mais da alta do custo de fazer negócios na Alemanha — a carga com que elas arcam em razão das políticas relativas à mudança do clima, dos altos impostos da energia cara. Os empresários se queixam da terrível escassez de trabalhadores qualificados e da burocracia excessiva. “Estamos conversando com o governo sobre inteligência artificial, mas, nos escritórios dele, os funcionários públicos todos ainda têm aparatos de fax”, diz Dülger. “Isso simplesmente não dá certo”.

Enquanto isso, a ascensão dos veículos elétricos — e os avanços da China no mercado europeu de veículos elétricos — ameaça um setor que serve há muito tempo como um dos pilares do sucesso econômico da Alemanha.

Em nenhum outro lugar esse processo é mais evidente do que na área do sudoeste da Alemanha onde a Fernag e um grupo de outras empresas de metalurgia de médio porte estão sediadas. Um levantamento recente realizado pela organização de pesquisa IWK Consult identificou a região de Donnersberg, que leva o nome da montanha homônima que domina a paisagem circundante, como uma das regiões alemãs que enfrentam os maiores desafios.

Os pesquisadores analisaram as duas grandes transformações em curso no país neste momento: a mudança para uma economia neutra em termos de emissões de carbono, o que pressionará os setores que usam energia de maneira intensiva e os que produzem emissões elevadas de poluentes, como a siderurgia e a indústria química; e a transição para o carro elétrico.

O estudo constatou que 6 dos 400 distritos e cidades da Alemanha seriam afetados por esses processos, e Donnersberg é um deles.

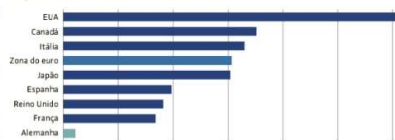
Se há uma empresa que exemplifica o problema econômico de Donnersberg é a BorgWarner, fabricante de peças automotivas com sede nos Estados Unidos que atualmente está passando por uma reestruturação maciça.

A fábrica da empresa em Kirchheim, localizada no centro regional de Donnersberg, se especializa em turbocompressores, peças para turbinas e forçava a entrada de ar adic-

Estagnação econômica da Alemanha

Recuperação alemã no pós-Covid foi a mais fraca entre as economias avançadas

Variação cumulada do PIB real, do 4º trimestre de 2019 ao 3º trimestre de 2021, em %



Empresas alemãs foram prejudicadas por alta no custo da energia

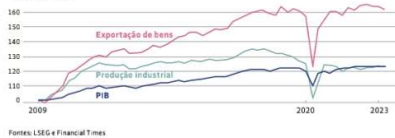
Custo de energia para a indústria química alemã, em bilhões de euros

■ Eletricidade ■ Gás Natural



Motores de crescimento do país se estagnaram nos últimos anos

1º trimestre de 2009 a 1º trimestre de 2023



Fontes: LSEG e Financial Times

onal na câmara de combustão de um motor de automóvel a fim de produzir mais potência. A BorgWarner foi por muitos anos uma líder no mercado de turbocompressores. Mas a demanda vem diminuindo, recentemente, diz Andreas Berne, presidente da BorgWarner Turbo Systems.

O primeiro golpe foi o esfacelamento de emissões de poluentes da Volvo, em 2015, que, segundo ele, causou um “colap-

so no mercado de motores diesel”. Depois veio “toda a discussão sobre carros elétricos”. A UE proibiu fabricação de veículos novos com motores a gasolina e diesel a partir de 2035. De lá para cá, a BorgWarner anunciou planos para reduzir a força de trabalho em Kirchheimbolanden.

O lento declínio dos carros a gasolina é um dos problemas enfrentados por Donnersberg: o enorme aumento nos custos de energia é outro. Reiner Bauer, diretor de

desenvolvimento de negócios do distrito, diz que grande número das empresas da região que fazem uso intensivo de energia foram vistas por muito tempo como “inovadoras, lucrativas, com programas de treinamento modelares e excelente gestão”. Mas a crise energética mudou tudo isso.

“Uma empresa que hoje paga muito mais pela energia é a Basf, o maior grupo químico do mundo, a 42 minutos de carro de Donnersberg, em Ludwigshafen, no rio Reno. A empresa foi forçada a fechar várias de suas linhas de produção com maior consumo de energia, incluindo a de amônia, ciclohexanol (um ingrediente de sabonetes e plásticos), e TDI (usado para fabricar colchões de espuma). Cerca de 700 empregos serão afetados.

O governo é fatalista com relação a esses desdobramentos. “Só produzíamos amônia aqui porque tínhamos acesso ao gás natural russo barato — e agora isso acabou”, diz um importante funcionário do governo. “Não acho que a Alemanha estará fabricando produtos químicos básicos, plásticos e amônia, em 2035. Talvez faça mais sentido produzir na Áustria ou na Rússia, onde a energia é mais barata”.

Mas não é assim que a situação é vista em Donnersberg. O distrito abriga as moradias de centenas de trabalhadores da Basf, que viajam toda a dia para o trabalho, e contemplam com alarme a construção de uma nova fábrica de petroquímicos de 12 bilhões (R\$ 52 bilhões) pela empresa na China e os cortes de pessoal que ela vem promovendo na Europa.

Se uma empresa desse tipo transferir suas operações para o exterior devido ao custo elevado de energia ou à escassez de trabalhadores qualificados na Alemanha, todas as luzes se apagarão, aqui, diz Rainer Gühr, presidente do conselho distrital de Donnersberg. Donnersberg também é vítima de um dos problemas mais persistentes da Alemanha: a escassez crônica de mão de obra qualificada. O governo afirmou que o envelhecimento significa que a Alemanha poderá ter 7 milhões de trabalhadores a menos, em 2035. Hubert Hasek, proprietário de uma pequena fundição de ferro em Eisenberg que fabrica peças para os setores automobilístico e de motores, diz que encontrar trabalhadores se tornou seu “maior desafio” — ainda maior do que as contas salgadas de energia. Ele está tentando preencher três vagas em sua empresa há meses.

“Os jovens parecem mais preocupados com o equilíbrio entre vida pessoal e profissional do que com trabalhar duro”, ele diz. Mas Hasek também vê motivos para ter esperança. Ele disse que a economia alemã deve voltar a crescer em 2024. A inflação está diminuindo, o mercado de trabalho é robusto e a renda real está subindo, afirmou, o que poderia ajudar a acabar com a queda da demanda nacional.

Joachim Nagel, presidente do banco central da Alemanha, compartilha desse otimismo. Em um discurso para líderes empresariais e políticos em Berlim, ele rejeitou as afirmações de que a Alemanha era o “país doente da Europa” ou uma nação a caminho da “desindustrialização”. As empresas alemãs resistiram bem à crise do gás natural, ele disse, investindo pesadamente em medidas de eficiência para reduzir o uso de energia. Elas se mostraram “altamente adaptáveis”, afirmou Nagel, elogiando a engenhosidade dos “campeões alemães” do país e a “tradição do ‘Mittelstand’”, as pequenas e médias empresas que normam a espinha dorsal da economia alemã.

A resiliência dessas empresas “se torna” em geral otimista”, disse Nagel. “Made in Germany” continuará, em minha opinião, a ser uma marca registrada da cobardia e bem-sucedida”.

